Vol. 2

organizadores

Cleber Gibbon Ratto

Adilson Cristiano Habowski

Vinícius Barbosa Cannavô



Vidas e TRAVESSIAS

experiências infantojuvenis de migrantes e refugiados

CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CAPES

isec lisboa

unesco University Network Member

UNIVERSIDADE LaSalle

URI

pimenta cultural

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

V649

Vidas e travessias: experiências infantojuvenis de migrantes e refugiados (v.2) / Organização Cleber Gibbon Ratto, Adilson Cristiano Habowski, Vinícius Barbosa Cannavô. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2025.

Volume 2

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-492-6
DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-492-6

1. Migração infantojuvenil. 2. Refúgio. 3. Educação intercultural. 4. Sociabilidades migrantes. 5. Direitos humanos. I. Ratto, Cleber Gibbon Ratto (Org.). II. Habowski, Adilson Cristiano (Org.). III. Cannavô, Vinícius Barbosa (Org.). IV. Título.

CDD 323.3048

Índice para catálogo sistemático:
I. Direitos Humanos
II. Migração
Simone Sales • Bibliotecária • CRB: ES-000814/O



12

Arthur Silva Araújo
Roberto Pereira do Nascimento
Raquel C. Hoersting
Cristianne Maria Famer Rocha
Eulanda Maria Pedro Daniel
Dante Augusto Couto Barone

DO REFÚGIO INTERNACIONAL AO REFÚGIO NACIONAL:

"LLEGUÉ A BRASIL Y ENCONTRÉ REFUGIO NUEVAMENTE": EXPERIÊNCIAS INFANTOJUVENIS DE REFUGIADOS DAS ENCHENTES EM PORTO ALEGRE, BRASIL

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-492-6.12



INTRODUÇÃO

A migração e o refúgio de crianças e adolescentes têm se tornado temas centrais nas discussões sobre deslocamento forçado, particularmente em contextos de crise humanitária, como ocorre com latino-americanos e africanos, que é a temática deste texto. Em termos gerais, sabe-se que, o refúgio faz parte de um estatuto internacional, em que os sujeitos, enquanto categoria jurídica internacional, são impulsionados a abandonarem seus países de origem por diversos motivos, expondo-os a uma série de vulnerabilidades (mental, social e econômica). Com isso, as enchentes ocorridas no estado do Rio Grande do Sul, entre os meses de maio e junho, do ano de 2024, representaram um dos eventos climáticos mais graves que o estado já enfrentou na história. Esse desastre não apenas afetou a população local, mas também teve um impacto profundo sobre os refugiados que vivem na região.

Além de compreender como esses desastres naturais afetam o desenvolvimento social e psicológico desse grupo infantojuvenil em situação de refúgio, considerando os desafios adicionais que enfrentam em contextos de vulnerabilidade, como dificuldades de acesso à moradia, alimentação e serviços essenciais por serem refugiados internacionais e, agora, também nacionais. Esses sujeitos, já em situação de vulnerabilidade da sua origem, enfrentaram desafios novos, devido à perda de moradia, escassez de alimentos e dificuldades no acesso a serviços essenciais e, muitas vezes, eles não possuem redes de apoio locais, o que torna a recuperação ainda mais difícil.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo principal compreender os impactos das enchentes de 2024, sobre crianças e adolescentes refugiados no contexto das mudanças climáticas no Rio Grande do Sul, especialmente em Porto Alegre. Essas enchentes agravaram a vulnerabilidade dessa população, intensificando desafios como moradia precária, acesso à saúde e educação, e demandando maior atenção de políticas públicas. A metodologia, de abordagem qualitativa,



adotou pesquisas bibliográficas e análises documentais (relatórios de organizações internacionais e de dados governamentais), incluindo fontes acadêmicas, documentos oficiais e reportagens recentes, destacando os desafios da adaptação a um novo país e as consequências de enfrentar um desastre natural de grandes proporções.

Foram analisados, em particular, documentos produzidos pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, com o intuito de identificar políticas públicas, programas e ações direcionadas à população refugiada e migrante, bem como os desafios enfrentados por esses grupos em face das enchentes. Considerando-se a vulnerabilidade decorrente da situação de refúgio, já marcada por desafios no acesso à moradia, alimentação e serviços essenciais, ela é intensificada em cenários de desastres naturais.

Esse contexto gera um ciclo de vulnerabilidade contínuo, expondo os refugiados a riscos ainda maiores de desamparo, exclusão social e deterioração da saúde mental, do qual já passaram anteriormente e estão no Brasil para uma melhor qualidade de vida. Este estudo é justificado pela crescente relevância das discussões sobre o impacto das mudanças climáticas em populações vulneráveis, especialmente os refugiados, no qual as crianças e adolescentes são suscetíveis a traumas e desestabilização em contextos de desastres naturais, o que compromete seu desenvolvimento social e psicológico.

LLEGUÉ A BRASIL Y ENCONTRÉ REFUGIO NUEVAMENTE

> Parece que os problemas estão sempre correndo atrás da gente. Não está fácil não, não sei para onde vou agora, todas as minhas coisas estão debaixo d'água. Perdemos tudo, está lá debaixo d'água, nem de barco conseguimos chegar. Vamos começar tudo de novo, disse Descilong (CNN Brasil, 2024, s/p).



Crianças e adolescentes, que já carregam memórias de conflitos e deslocamentos, enfrentaram a realidade de um novo desabrigo e a incerteza de um futuro marcado por desafios em solo brasileiro e em terras gaúchas (Navia, 2024). Entre os afetados pelas enchentes no Rio Grande do Sul, estima-se que cerca de 41 mil refugiados e pessoas em situação de necessidade de proteção internacional estejam em risco, incluindo muitos venezuelanos e haitianos que vivem nas áreas atingidas, algumas acessíveis apenas por barco (ONU, 2024).

Os classificados como refugiados, frequentemente são forçados a abandonar seus países, chegam em situações de maior vulnerabilidade, com acesso limitado à moradia, saúde e redes de apoio. No caso do Rio Grande do Sul, muitos deslocamentos causados pelas enchentes de 2024 levaram autores, como Pereira (2023, p. 3), a considerar tanto refugiados quanto migrantes como impactados pelas mudanças climáticas, destacando a crescente relevância dos chamados refugiados climáticos.

Em Porto Alegre,

> [...] a prefeitura estima a presença de 35 mil imigrantes atualmente. Eles moram, principalmente, no eixo da Avenida Baltazar de Oliveira Garcia, Santa Rosa de Lima, Asa Branca e Ocupação Farroupilha, além do Sarandi. Também há considerável população imigrante na Lomba do Pinheiro (GZH, 2024a, s/p).

Ainda mais,

> No âmbito do Rio Grande do Sul, dados da Secretaria Estadual de Planejamento, Governança e Gestão, com base no Sismigra [Sistema Federal de Registro Migratório), apontam as seguintes populações imigrantes vivendo no Estado: 38,2 mil uruguaios, **37 mil venezuelanos**, 16,4 mil haitianos, 8,4 mil argentinos, 3,4 mil senegaleses e **3,2 mil colombianos** (GZH, 2024a, s/p, grifos nossos).



No contexto das migrações latino-americanas, nos últimos anos, o Brasil, tem recebido um número crescente de refugiados venezuelanos e colombianos. Estima-se que cerca de "43 mil refugiados e pessoas em necessidade de proteção internacional estão sendo direta ou indiretamente afetados pelas inundações" do ano corrente, sendo que "35 mil já estavam entre os grupos mais vulneráveis do estado. Muitos moravam nas regiões e bairros mais tomados pelas enchentes" (ACNUR, 2024a, s/p).

Segundo a Agência da Organização das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), o Rio Grande do Sul "é um dos estados brasileiros com maior presença de pessoas refugiadas e migrantes, especialmente venezuelanos e haitianos, muitos deles vivendo em áreas de risco, que agora só podem ser alcançadas de barco" (G1, 2024a, s/p):

> Popularmente chamados de "refugiados climáticos", os atingidos por desastres naturais como ciclones, deslizamentos, inundações e tremores de terra não são, legalmente falando, refugiados de fato, por dois motivos: o primeiro é que o refúgio só é concedido quando envolve uma mudança de país; o segundo é que, na Convenção de Genebra, de 1951, que inaugurou o Estatuto dos Refugiados, se prevê refúgio especificamente para casos em que há "fundado temor de perseguição por motivo de guerra, de raça, de nacionalidade, de etnia e questões políticas", sem a citação de situações envolvendo o clima (GZH, 2024b, s/p).

Além dos venezuelanos, os colombianos, também, têm procurado abrigo no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, assim como na região metropolitana e na capital, Porto Alegre (Funck, 2021). Essa migração é impulsionada pela violência contínua e pela instabilidade política em seu país, o que gera uma demanda crescente por políticas de acolhimento e integração, já que convivem com "violência, governos arbitrários, instabilidade política, conflitos armados, perseguição religiosa, crise econômica e miséria, [...] exemplos do que a generalizada violação dos direitos humanos é capaz" (Viana, 2023, p. 9).



As experiências de "trabalhar com migrantes e refugiados é uma tarefa bastante complexa" (Vasconcelos, 2022, p. 16), especialmente, com crianças e adolescentes, uma vez que esse grupo etário, é vulnerável a múltiplas formas de discriminação e exclusão. No cenário atual, os refugiados infantis enfrentam não apenas os traumas da migração, mas, também, a adaptação ao novo contexto cultural e social e, com isso, as crianças e adolescentes refugiados frequentemente vivenciam perdas significativas, separação da família e a rotina em abrigos para refugiados, experimentando "níveis mais elevados de angústia e diminuição da satisfação com a vida", o que impacta negativamente seu desenvolvimento emocional e psicológico (Dantas, 2021, p. 59).

Diante da fome, da violência e de desastres naturais em seus países de origem, milhares de refugiados haitianos e venezuelanos buscaram refúgio nos últimos anos no Rio Grande do Sul. No entanto, as recentes chuvas devastadoras que atingiram o estado forçaram essas famílias e, em especial, as crianças, a enfrentar um novo recomeço (CNN, 2024). Muitas desses sujeitos refugiados "agora, com as enchentes, estão em situação lamentável, encarando fome, frio, água por todos os lados e também racismo e xenofobia, conforme relataram para as autoridades", não em seu país de origem, mas sim no seu país de acolhimento (Brasil de Fato, 2024, s/p). E, assim, encontramos relatos como:

> A menina, 12 anos, foi ao antigo lar com a avó. Ela entrou no que restou da moradia da família. Havia barro em todo o lugar alcançado pela visão. Tudo estava revirado. No fundo da casa, Luiscarlis tentava abrir a porta do quarto que era dela e da avó. Ela empurrava, mas estava travado. De repente, o silêncio da Ocupação Farroupilha foi quebrado por gritos desesperados da menina. Ela correu em disparada, escorregou no lodo, caiu e se lanhou. Levantou e finalmente ganhou a rua. (GZHa, 2024, s/p)

Independente se criança ou não, "eles não contam com estrutura familiar próxima, e a maioria não está incluída na rede



de assistência social pública. Ser refugiado em dobro será ainda mais complicado para quem já vive muitas privações", afirma Padre Ademar Barilli do Centro Ítalo-Brasileiro de Assistência e Instrução às Migrações (CIBAI Migrações), local que serviu de abrigo para mais de 200 refugiados durante as enchentes em Porto Alegre (Brasil de Fato, 2024, s/p).

MÉTODOS

A metodologia deste estudo é de cunho qualitativa, realizada através de pesquisa bibliográfica enriquecida com algumas análises documentais, como textos jornalísticos e relatos de refugiados (Araújo; Mendes; Galeazzi, 2021). Foram revisadas obras acadêmicas, documentos e reportagens que abordam a migração forçada e o refúgio climático, com foco nas vivências de refugiados em Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, durante os meses de maio e junho de 2024.

As fontes utilizadas incluem literatura publicada entre 2021 e 2024, com ênfase nas reportagens de 2024 sobre as enchentes que afetaram o Estado. As pesquisas selecionadas englobam artigos, teses e dissertações do Brasil e de Portugal, alinhadas ao objetivo do texto, considerando que este último país possui uma longa tradição de pesquisa sobre imigração e refúgio, em contraste com a baixa produção acadêmica sobre o tema no Brasil. Com isso, os trabalhos portugueses são reconhecidos por abordar as questões relacionadas a deslocamentos forçados e integração social.

Para a seleção das fontes, foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão. Foram incluídas obras que abordam temáticas diretamente relacionadas ao objetivo da pesquisa, com foco em migração forçada, refúgio climático e os efeitos das enchentes,



especialmente, nos países destacados acima. Em contrapartida, foram excluídas publicações anteriores a 2020, estudos sem foco nas enchentes ou sem relevância direta ao tema do refúgio climático. Foram, também, descartados artigos de revisão de literatura e estudos publicados em línguas estrangeiras, excluindo-se aqueles que não estavam em português, para assegurar a consistência com o contexto cultural e linguístico da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os relatos dos pais e responsáveis e suas experiências impactam direta e indiretamente o contexto infantojuvenil de seus filhos e familiares pequenos. Os relatos que os pais presenciavam sobre discriminação, xenofobia e negligência, como refugiados no Brasil, influenciam significativamente o desenvolvimento emocional e psicológico das crianças (Carmo, 2021). Não apenas isto, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) deixa destacado, em seu art. 5º, que independente da sua origem, "nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, [devendo ser] punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais" (Brasil, 1990, s/p). Porém, muitas crianças foram refugiadas novamente com seus familiares e, assim, são chamados de

> [...] **refugiados climáticos**: pessoas submetidas a um deslocamento forçado por conta de um evento climático extremo que coloca em risco sua existência. Esse termo não é usado de forma oficial, já que não consta na Convenção dos Refugiados de 1951. Mas sua adoção vem sendo debatida: a tendência é que cada vez mais pessoas sofram os efeitos das mudanças do clima. A situação no Rio Grande do Sul deixa o problema claro (TIB, 2024, s/p, grifo nosso)



Em adição, já os refugiados ambientais, são:

> [...] as pessoas que foram obrigadas a abandonar temporária ou definitivamente a zona tradicional onde vivem, devido ao visível declínio do ambiente (por razões naturais ou humanas) perturbando a sua existência e/ou a qualidade da mesma de tal maneira que a subsistência dessas pessoas entra em perigo (Nexo Jornal, 2024, s/p).

Diversos relatos foram extraídos de reportagens jornalísticas de fontes como ACNUR (2024a, s/p), Agência Brasil (2024, s/p) e Migramundo (2024, s/p). Esses depoimentos destacam as experiências de refugiados que enfrentam novos desafios de deslocamento e perda de pertences após enchentes no Rio Grande do Sul, tais como:

1. *Vamos ver se consigo aluguel social ou uma casa. Aqui não dá mais. O valão (canal) não vai sair daqui. O que vai acontecer na próxima (chuva)? Para a Venezuela, não volto. Prefiro ficar em Porto Alegre. Toda a família da minha esposa está aqui* (GZH, 2024, s/p).
2. *Tudo que havia conquistado no Brasil, virou lama* (GZH, 2024, s/p).
3. *Estou desorientada e não sei como recomeçar* (GZH, 2024, s/p).
4. *Há um clamor dos imigrantes por atenção. Moradia é a maior angústia* (GZH, 2024, s/p).
5. *Não é momento de branco ou preto. Todos somos humanos. Todo mundo aqui foi atingido* (GZH, 2024, s/p).
6. *Vivenciar novamente o deslocamento forçado é uma triste realidade que a impactou profundamente* (ACNUR, 2024, s/p).
7. *Sair da nossa casa, deixar tudo para trás de novo, recomeçar de novo é uma experiência bastante assustadora. [...] Eu tive que deixar praticamente tudo*



porque o que eu peguei para sair de casa foram meus três cachorros e uma pasta com meus documentos. Todo o resto ficou ali (ACNUR, 2024, s/p).

8. *Ontem, eu estive visitando a minha casa e perdi tudo. Não tem como recuperar nada* (AGÊNCIA BRASIL, 2024, s/p).

9. *Minha sensação é que estamos revivendo a mesma situação de 2010 (Haiti)* (MIGRAMUNDO, 2024, s/p).

10. *O Rio Grande do Sul precisa de ajuda, não é somente uma nacionalidade específica* (MIGRAMUNDO, 2024, s/p).

Esses refugiados enfrentam uma experiência de deslocamento forçado semelhante à que passaram em seus países de origem, o que agrava o impacto psicológico, ou melhor, pois já "sofreram deslocamento forçado, [e] devem estar atentas à realidade social específica que se apresenta, às culturas locais, e à complexidade inerente aos impactos da mineração a uma população atingida" (De Lima, 2021, p. 180). Por exemplo, um dos refugiados destaca a necessidade de "recomeçar de novo," evocando traumas de deslocamentos anteriores e de perda de estabilidade e conquistas. A conexão com situações anteriores, como mencionado pela haitiana que lembra o terremoto de 2010, sugere um ciclo de deslocamento e desamparo (Migramundo, 2024).

A insegurança habitacional aparece como a principal angústia dos refugiados, com a maioria expressando incerteza sobre conseguir moradia estável ou um programa de aluguel social, apoiado pelo Governo Estadual e/ou Federal (Pereira, 2022). Esse problema é central para os relatos que descrevem a perda de residências e bens pessoais, como mostra a fala da venezuelana que perdeu todos os pertences e apenas conseguiu salvar documentos e animais de estimação, sendo que alguns não conseguiram sequer salvar a própria vida (Agência Brasil, 2024).

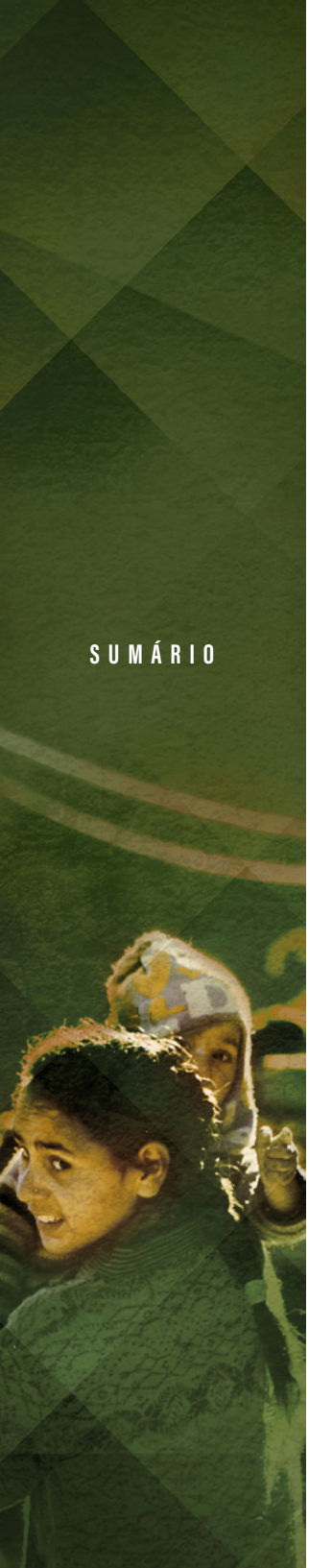


A expressão de união entre os diferentes grupos afetados ("não é momento de branco ou preto. Todos somos humanos") revela um sentimento de solidariedade, onde pessoas de variadas nacionalidades e contextos sociais se veem unidas pela experiência comum das perdas e da necessidade de ajuda. Esse sentimento destaca a formação de uma comunidade de apoio mútua que supera barreiras culturais e raciais, "em que os grupos excluídos - pobres, em situação de rua, indígenas, minorias étnicas, raciais e linguísticas, bem como refugiados e alunos com necessidades educativas especiais" (Costa e Costa, 2021, p. 148) possam, assim, vivenciar experiências de resiliência e de empatia coletiva.

A fala "o Rio Grande do Sul precisa de ajuda, não é somente uma nacionalidade específica" enfatiza o impacto coletivo da tragédia e o apelo por políticas abrangentes e inclusivas e, ainda mais, refletem um impacto emocional profundo, especialmente para aqueles que passaram por perdas contínuas e incertezas sobre o futuro (Da Rocha, 2021). A expressão "estou desorientada e não sei como recomeçar" representa o estado psicológico de muitos refugiados que, ao enfrentarem o trauma de um novo deslocamento, veem suas perspectivas de estabilidade novamente abaladas (ACNUR, 2024b).

Para Daudt e companheiros (2024), esse ambiente reforça a necessidade de serviços de apoio psicológico e social voltados para a resiliência e o bem-estar desses grupos comunitários. Alguns impactos dos descasos com refugiados foram observados e relatados a partir dos textos jornalísticos publicados, entre outros. Abaixo, seguem as principais consequências identificadas:

1. *Xenofobia "as comidas principalmente estão sendo servidas cruas. Eles solicitam para trocar comida, mas não trocam. Têm várias crianças que não estão comendo direito, têm adultos que não estão comendo direito porque a comida está sendo crua"* (AGÊNCIA BRASIL, 2024, s/p).



SUMÁRIO

2. *Quando eles [os imigrantes] vão lá pedir uma coisa, às vezes eles dizem que não tem, mas quando vem o representante da associação, ou eu mesma, a gente pede e eles dão para nós e nós entregamos para os imigrantes"* (AGÊNCIA BRASIL, 2024, s/p).

3. *Todo mundo é igual nessa situação, não tem de ser preto, branco ou amarelo, todo mundo é igual, porque estamos no mesmo barco* (AGÊNCIA BRASIL, 2024, s/p).

4. *Fomos chamados de ignorantes e famintos* (PROJETO COLABORAR, 2024, s/p).

5. *Fizeram uma reunião com todos os imigrantes, como sempre separados dos outros [brasileiros], disseram que a comida para nós teria que ser reduzida, que o barulho das crianças era quase insuportável e que não poderíamos pegar roupas porque já tínhamos muitas, sendo que só temos roupa suja que não dá para lavar. Fomos chamados de ignorantes e famintos de uma maneira muito arrogante. Com essa situação, dessa vez não vou me calar. A situação foi muito séria, o preconceito falou bem alto dessa vez, e tivemos que sair daquele abrigo, infelizmente* (MONTESANTI, 2024, s/p).

6. *Saímos do primeiro abrigo porque não tinha água, e as condições não estavam adequadas. Havia situações de preconceito. Ontem [terça], o grito do preconceito saiu. Não dava para aguentar mais. Além da minha mãe, que é idosa, encontrei uma mulher chorando. Guardaram as frutas para as crianças e nos deixaram comer por último, depois dos brasileiros. Falamos com alguns representantes [do abrigo], que foram legais conosco. Mas a diretora, especificamente, fez toda essa sacanagem* (PROJETO COLABORAR, 2024, s/p).

7. *A discriminação e a xenofobia são muito grandes. Estão dando comidas cruas para os imigrantes. Há várias crianças que não estão comendo direito. Estão dando as roupas mais rasgadas para os estrangeiros, não só para os haitianos. Não estavam dando desodorantes.*



É preciso que um representante da associação vá pedir e entregar para os demais. Só dão uma escova de dente por família, o que é absurdo. Não estavam dando garrafinhas de água. Se a pessoa sentia sede, tinha que ir lá pegar de copinho em copinho. Fiz esse relato e, agora, estão liberando mais água (PROJETO COLABORAR, 2024, s/p).

8. *Como um imigrante vai conseguir estrutura financeira para fazer locação? Isso vai acontecer aqui de novo: o imigrante vai ser obrigado a ir para lugares mais vulneráveis, nas regiões mais pobres, às vezes sem água nem energia, para poder se estabelecer e seguir sua vida* (PROJETO COLABORAR, 2024, s/p).

9. *Por questão de idioma, estão sofrendo muita xenofobia. Há algumas venezuelanas que não sabem falar bem português. Quando pedem uma coisa, [brasileiros] ficam bravos, irritados, de cara feia. As pessoas se sentem muito humilhadas. Já enfrentamos uma situação crítica e estar passando por isso de novo é muito constrangedor. Os haitianos sabem o que aconteceu em 2010, como foi caótica a situação no nosso país. Agora, estamos vivendo a mesma coisa aqui. Estamos batendo de frente e lutando por melhorias. Todo mundo é igual nessa situação, não importa se é preto, amarelo ou branco. Estamos no mesmo barco* (MONTESANTI, 2024, s/p).

10. *Dificuldade dos imigrantes é maior do que dos nativos* (PROJETO COLABORAR, 2024, s/p).

11. *Eu tinha duas mochilas e tive que escolher entre soltar a mochila ou a cachorrinha. Eu decidi então soltar a mochila e ficar com ela, que cuido desde muito pequena. Então perdi os meus documentos que estavam na outra mochila* (G1, 2024, s/p).

12. *Foi muito difícil sair de casa e largar tudo porque saímos da Venezuela por causa de uma crise econômica. Tivemos que vender tudo por lá para começar do zero. Quando chegamos aqui, fomos conquistando. Já moramos na rua e em abrigo* (G1, 2024, s/p).



13. *A gente só está esperando a água descer para conquistar de novo e eu tenho fé que vamos conquistar tudo de novo, porque Deus vai ajudar a todos. Não é fácil, porque a gente já conquistou muitas coisas. A gente já comprou geladeira, fogão, TV, guarda-roupa, cama, colchão. E vamos ter que começar de novo, do zero* (G1, 2024, s/p).

14. *Diante desta catástrofe, acho que o que menos interessa é traçar uma régua para olhar por nacionalidade, por cor ou por gênero* (GZH, 2024, s/p).

15. *Como eu fui uma vítima, eu sinto na pele o que o povo gaúcho está passando* (GZH, 2024, s/p).

16. *Eles [militares do Exército] faziam alguns comentários xenofóbicos, sempre retratando as pessoas como sem educação, sujas, e traziam isso relacionado à nacionalidade deles. Então, qualquer coisa que acontecia ali, tudo era culpa do venezuelano, porque o venezuelano é porco, porque o venezuelano não tem higiene, porque o venezuelano não tem educação* (AGÊNCIA PÚBLICA, 2024, s/p).

17. *Fulano [algum venezuelano] é muito vagabundo, não quer sair do abrigo nunca. Não procura emprego, não vai trabalhar e só quer ficar dentro do abrigo [...] está acostumado com a boa vida dentro dos abrigos* (AGÊNCIA PÚBLICA, 2024, s/p).

Durante as enchentes no Rio Grande do Sul, em 2024, diversos descasos, como distribuição de alimentos inadequados e roupas em más condições, trouxeram sentimentos de exclusão e desumanização. Nesse contexto, Goularte (2020) destaca que a separação familiar e a negligência nas condições de estadia, com moradias em locais provisórios e sem estrutura adequada, são práticas recorrentes que contribuem para a desumanização dos refugiados e para o aumento da violência no geral. Esses eventos não apenas reforçam o trauma vivido pelas crianças em seus países de origem, mas também afetam diretamente seu sentimento de pertencimento e bem-estar



no novo contexto. Já que as atividades cotidianas das crianças possuem uma alta "importância da presença de suas famílias no apoio cotidiano" (Rocha, 2023, p. 362).

Os testemunhos dos pais sobre serem tratados com xenofobia, como a entrega de comida crua e roupas rasgadas, afetam diretamente as crianças, ao presenciarem a "desvalorização que é dada ao conhecimento das famílias, o que faz com que estas não se sintam ouvidas em suas necessidades", destacando uma grande desvalorização da dignidade familiar (Oliveira, 2022, p. 6). Essa exposição a situações humilhantes e desumanizantes contribui para o desenvolvimento de inseguranças e traumas, especialmente em um momento delicado de "adaptação, resistência e reconstrução de vida no Brasil" (Ventura, 2019). Além disso, o relato de que crianças e adultos refugiados recebiam tratamento diferenciado e excludente, em comparação com os brasileiros, cria um ambiente hostil que inibe o senso de pertencimento e segurança.

Por exemplo, ao ouvir que foram chamados de "ignorantes e famintos", as crianças internalizam a percepção de que são vistas como "estrangeiras" e "inferiores," o que prejudica o desenvolvimento de uma identidade positiva, conforme Kölln (2020) destaca. Com isso, os estudos em Psicologia Infantil, tal como, De Sousa e companheiros (2023) apontam, as que crianças expostas a experiências de discriminação ou exclusão desenvolvem uma autoestima fragilizada e maiores níveis de ansiedade, o que compromete seu desenvolvimento social e psicológico a longo prazo. Para as crianças que já vivenciaram deslocamento forçado e perdas significativas, o tratamento discriminatório reativa sentimento de insegurança e medo (Chamma, 2023). A situação descrita, onde os refugiados recebiam alimentos impróprios e enfrentavam falta de recursos básicos, como água potável, segundo Moreira e Borges (2024), lembra as condições precárias que muitos experimentaram em contextos de crise em seus países de origem.



Esse contexto reforça a sensação de instabilidade e ameaça para as crianças, que passam a interpretar o novo ambiente como um espaço hostil e não acolhedor. A Psicologia nos mostra que eventos como esses podem desencadear respostas de "efeitos devastadores em crianças e adolescentes, sendo o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) e a depressão as consequências psicopatológicas mais prevalentes", levando-as a reviver, de forma inconsciente, as dificuldades e medos enfrentados anteriormente (Vieira, 2022, p. 168). Esses traumas são ainda mais profundos quando a xenofobia é explicitamente vinculada à nacionalidade e à origem das famílias, como demonstrado nos relatos onde refugiados venezuelanos eram estereotipados como "sujos" ou "sem educação" (Iannuzzi; Galeão, 2023).

As experiências de exclusão e xenofobia relatadas pelos pais impactam diretamente a formação da identidade das crianças. Estas, sentindo-se marginalizadas no contexto brasileiro, podem desenvolver uma visão de si mesmas como "não pertencentes" ou "indesejadas" (Calafate, 2024). A experiência de ter recursos negados devido à sua nacionalidade ou condição social, como o acesso a escovas de dente, água e itens básicos, por exemplo, reforça o sentimento de inferioridade e exclusão.

Para Da Silva e companheiros (2024), esse tipo de discriminação promove um tipo de "identidade excludente", onde as crianças internalizam o preconceito sofrido e podem se isolar socialmente ou desenvolver ressentimento em relação à nova sociedade. Ainda mais: tal impacto prejudica o desenvolvimento de uma identidade multicultural saudável e inibe o desenvolvimento de uma autoestima equilibrada, criando barreiras para a integração social e a construção de laços com o novo ambiente.

Com isso, é possível observar que, além do impacto direto, as crianças sofrem indiretamente ao observar os pais lutando para garantir os recursos mínimos para a sobrevivência e enfrentando



a discriminação, às vezes com o choro escondido ou, como se diz no senso comum, engolindo o choro. Para Dos Santos (2023), esta pressão muitas vezes leva as crianças a assumirem papéis de suporte emocional para os pais, o que gera um amadurecimento precoce indesejável. E, assim, as crianças, ao verem os pais sofrendo humilhações, sentem-se compelidas a "ajudar" e "proteger" a família, o que afeta seu desenvolvimento natural e limita o tempo para atividades fundamentais, como brincar, socializar e aprender (Barros; Rocha, 2021).

Portanto, o testemunho de que as crianças "não estavam comendo direito" e que famílias inteiras precisavam da intervenção de representantes para obter itens básicos gera, para as crianças, uma necessidade de adaptação e resiliência precoce que pode acarretar sentimento de frustração, desesperança e raiva (Fernandes, 2024). Esse ambiente limita a expressão das necessidades próprias da infância, substituindo o brincar pela necessidade de sobrevivência e adaptação em um ambiente hostil, tal como a transição de sujeito refugiado internacional para refugiado nacional (Alcantara, 2024), revelando a complexidade da experiência dos refugiados, que enfrentam não apenas os desafios iniciais da migração, como também as novas formas de exclusão e preconceito no país de acolhimento.

Nesse sentido, as enchentes de 2024, no Rio Grande do Sul, evidenciam a interseção entre fatores climáticos e sociais, ressaltando como desastres naturais podem aprofundar desigualdades existentes e agravar as condições de vulnerabilidade de populações imigrantes e refugiadas. Os relatos e as literaturas, apontam que eventos climáticos, ao desestruturarem a vida cotidiana, criam barreiras adicionais ao processo de adaptação e integração social dessas populações. Assim, compreender como esses fenômenos impactam as crianças e adolescentes em contextos de refúgio, torna-se essencial para avançar no debate sobre as interações entre deslocamento forçado, mudanças climáticas vinculando-se os aspectos psicossociais e os desafios do desenvolvimento infantojuvenil.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, identificamos que as análises realizadas demonstraram que as enchentes intensificaram as vulnerabilidades já presentes na vida desses indivíduos, ampliando os desafios relacionados à moradia, alimentação e acesso a serviços básicos e, até mesmo, o convívio social humano. Os refugiados, que já carregam nas costas o peso do deslocamento forçado e das dificuldades enfrentadas em seus países de origem, foram expostos a uma nova camada de adversidades para muitos a mesma: refúgio climático.

Entre os principais desafios vivenciados, destacam-se a perda de moradia, especialmente, em periferias ou em condições precárias, a escassez de alimentos, a dificuldade de acesso à água potável e a ausência de redes de apoio, que agravaram o sentimento de desamparo e exclusão social, afetando o psicossocial como um todo. Esses fatores, somados ao trauma prévio do deslocamento, geraram impactos no bem-estar físico, psicológico e emocional das crianças e adolescentes, bem como de suas famílias.

Além disso, as experiências descritas, evidenciam a complexidade de enfrentar um desastre natural enquanto se busca reconstruir a vida em um novo país. A ausência de estabilidade, agravada pela dificuldade em acessar serviços essenciais, aumenta os riscos de desestabilização emocional, prejudicando, ainda mais, o processo de adaptação e integração ao novo contexto social. Conclui-se, assim, que as enchentes não apenas representaram um desastre ambiental, como também, um evento marcante na vida dos refugiados, que enfrentaram um duplo desafio: superar o impacto imediato das enchentes e lidar com as dificuldades contínuas de adaptação em um cenário já vulnerável. Essa experiência reforça a resiliência dessas populações, porém expõe, ainda mais, a necessidade de ampliar a compreensão sobre os impactos sociais e psicológicos em contextos de refúgio e desastres naturais, no caso de crianças e adolescentes.



REFERÊNCIAS

ACNUR. **ACNUR continua no RS em apoio a refugiados e brasileiros afetados pelas enchentes**. 2024a.

_____. **Emergência no Brasil**: informações sobre a catástrofe no Rio Grande do Sul. 2024b.

AGÊNCIA BRASIL. **Haitianos e venezuelanos denunciam xenofobia em abrigos do RS**. 2024.

_____. **No maior abrigo do RS, moradia é a principal preocupação das famílias**. 2024.

AGÊNCIA PÚBLICA. **Migrantes e trabalhadores denunciam preconceito contra venezuelanos na Operação Acolhida**. 2024.

ALCANTARA, Isabela Souza. Refugiados ambientais: uma análise sobre migrações, direitos humanos e governança global. **Revista Videre,** v. 16, n. 34, p. 213-226, 2024.

ARAÚJO, Arthur Silva; MENDES, Ademir Aparecido Pinhelli; GALEAZZI, Suzana Andreia. A relação entre o direito e a educação inclusiva. **Revista Intersaberes,** v. 16, n. 38, p. 548-558, 2021.

BARROS, Dulce Jane Lopes; ROCHA, Ricael Spirandeli. Influência do contexto familiar na vida escolar de alunos adolescentes do ensino fundamental. **Brazilian Journal of Development,** v. 7, n. 11, p. 107921-107937, 2021.

BRASIL DE FATO. **Refugiados haitianos, senegaleses e venezuelanos são vítimas da enchente e perdem o pouco que tinham**. 2024.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1990.

CALAFATE, Pedro Carvalho. **Percursos de integração de solicitantes de refúgio na cidade do Rio de Janeiro**: a construção da cidadania refúgio. 2024.

CARMO, Maria do; MOURA, Teresa; BATISTA, Francisco; RENTZOU, Konstantina; SERRA, Rui; BATISTA, Susana; TRIKIC, Zoran. **Manual Parent**: Paternidades envolvidas e cuidadoras: da Teoria à Prática. 2021.

SUMÁRIO



CHAMMA, Letícia Negrão. **Sobre o fenômeno do populismo digital no Brasil**: medo e poder na economia política do tempo presente. 2023. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2023.

CNN Brasil. **Enchentes no RS atingem refugiados que escaparam da fome e da violência**. 2024.

DA ROCHA, Inês Brandão Fernandes. **MEERU APROXIMA**: boas práticas no acolhimento a refugiados em Portugal. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica Portuguesa, Portugal, 2021.

DA SILVA, Fernando Ben Oliveira; DE MENDONÇA, Valéria Carneiro; ANDRADE, Regina Gloria Nunes. Reflexões sobre sofrimento psíquico de refugiados: a Síndrome de Ulisses. **Revista Saúde e Comportamento,** v. 3, n. 1, p. 03-16, 2024.

FERNANDES, Roberto Mauro da Silva da Silva. Adaptação, mitigação e resiliência climática: Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 13 (ODS 13) e os esforços para combater as mudanças climáticas em diferentes partes do mundo. **Revista Sistemática,** v. 14, n. 3, p. 718-736, 2024.

DA COSTA, Deborah Regina Lambach Ferreira; DA COSTA, Priscila Lambach Ferreira. Educação para todos: a necessária efetivação dos direitos do aluno canhoto. *In*: Congresso Internacional de Direitos Humanos de Coimbra, 2021, Coimbra. **Anais...** Coimbra: [s.n.], 2021.

DANTAS, Bruna Lourena de Lima. **Atravessando fronteiras:** vulnerabilidade, relações de consumo e bem-estar de refugiados sob a ótica do macromarketing. 2021. Dissertação (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-graduação em Administração, Universidade Federal da Paraíba, 2021.

DAUDT, Felipe Wagner; SILVA RODRIGUES, Edilson; LEITÃO, Gustavo; VALE LOURENÇO, Raquel. **Os impactos sociais da realocação de comunidades em áreas de risco**. 2024.

DE LIMA SANTOS, Marcela Alves; CARVALHO, Maíra Almeida; PENIDO, Cláudia Maria Filgueiras. **A atuação em Saúde Mental e Atenção Psicossocial em um desastre da mineração em Mariana (MG)**: um relato de experiência. Revista Ciência & Trópico, v. 45, n. 2, p. 175-186, 2021.



DE SOUSA, Marília Rosália Cordeiro Antas; DA SILVA, Roseane Amorim. **Personagens negros/as na literatura infantil afro-brasileira**: reflexões sobre a construção da identidade de crianças negras. Cadernos do Aplicação, v. 36, 2023.

DOS SANTOS, Ana Isabel Fontes. **Regulação/Labilidade Emocional da Criança Adotada**: Impacto do Coping Parental com as Emoções Negativas. 2023. Dissertação (Mestrado em Psicologia, área de Psicologia Clínica e da Saúde) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, 2023.

FUNCK, Carlos Henrique Monschau. **Primeiras hospedagens na zona de colonização italiana no Rio Grande do Sul First lodgings in the area of italian colonization in Rio Grande do Sul**. Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 12, p. 118771-118787, 2021.

G1. **Tragédia no RS**: Inundações atingiram mais de 35 mil refugiados, estima ONU. 2024a.

_____. **Venezuleana relata fuga de enchente em Porto Alegre**: "Soltava a mochila ou a cachorrinha". 2024.

GOULARTE, Letícia Baquião; MARTINI, Maria Carolina Gervásio Angelini de; ANDARE, Maria Clara Ribeiro; ANGARANI, Priscilla Teodoro. **A vulnerabilidade dos refugiados**: uma análise da situação dos refugiados antes e durante a pandemia do coronavírus. Cadernos Eletrônicos Direito Internacional sem Fronteiras, v. 2, n. 2, p. e20200227, 31 ago. 2020.

GZH. **Comunidade de venezuelanos na Zona Norte de Porto Alegre é devastada pela enchente**. 2024a.

_____. **RS tem meio milhão de migrantes climáticos em razão da enchente**: entenda o que é isso. 2024b.

IANNUZZI, Fernanda Batalha; GALEÃO, Thiago. **Sujeitas de Direito**: Interseccionalidades de Mulheres Venezuelanas Imigrantes em Manaus Frente à Xenofobia e à Violência de Gênero. Direito Público, v. 20, n. 108, 2023.

KÖLLN, Lucas André Berno. **Os ciganos da colheita**. Tempos históricos, v. 24, n. 1, p. 563-580, 2020.

MIGRAMUNDO. **"Estamos preocupados com o dia seguinte", diz haitiana sobre efeitos da tragédia climática no Rio Grande do Sul**. 2024.

MONTESANTI, Edu. **Vozes silenciadas**: o calvário de refugiados na América Latina. IHU Online, São Leopoldo, 6 jun. 2024.

SUMÁRIO



MOREIRA, Gabriel Silva; BORGES, Gabriel Ozanique. Refugiados na América Latina: desafios e perspectivas no contexto atual. **Revista Uniítalo em Pesquisa,** v. 14, n. 2, p. 147-160, 2024.

NAÇÕES UNIDAS. **Enchentes no Rio Grande do Sul afetam milhares de refugiados e migrantes**. ONU News, 3 maio 2024.

NAVIA, Angela Facundo. A incomensurabilidade do horror: classificação e distinção nas experiências de desterro e exílio. **Revista de Antropologia**, v. 67, p. e218721, 2024.

NEXO JORNAL. **Refugiados climáticos**: Rio Grande do Sul. 2024.

OLIVEIRA, Renata Mello Barbosa de. **Cuidado realizado pela equipe do serviço de atenção domiciliar às crianças com necessidades especiais de saúde e suas famílias**. 2022. 80f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2022.

PEREIRA, Fagner Guglielmi. **Migrações internacionais**: um estudo sobre trabalhadores imigrantes em Francisco Beltrão-PR (2009-2020). 2022. 239f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2022.

PEREIRA, Isabella. **A emergência climática e os "Refugiados Ambientais" no Brasil.** Monografia (Especialização em Política e Sociedade) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

PROJETO COLABORA. **Refugiados sofrem xenofobia em abrigos no Sul**: chamados de ignorantes e famintos. 2024.

ROCHA, Marina Vasconcellos; MAGALHÃES, Andrea Seixas; DE MATOS, Mariana Gouvêa. Maternidade distante do país de origem: "aqui a gente não tem uma aldeia". **Psicologia Revista**, v. 32, n. 2, p. 344-367, 2023.

THE INTERCEPT BRASIL. **Para onde vão os refugiados climáticos do Rio Grande do Sul?** 2024.

VASCONCELOS, Bárbara Daniela Miranda. **Psicologia da educação no apoio e orientação de jovens migrantes/refugiados**: práticas de narrativa coletiva. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2022.

VENTURA, Susana. **Um lenço de infinitos fios**. São Paulo: Gaivota, 2019.

VIANA, Tamires de Souza. **A experiência de um refugiado**: desenraizamento e enraizamento. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

VIEIRA, Renata Zucoloto. **Habitação temporária para vítimas de desastres hidrológicos**. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

SUMÁRIO

